

# 27 DIAS DE FARO A FILADÉLFIA ... e 3 dias de espera ao largo por capitão do barco português não querer bandeira portuguesa a meia haste...



## Fernando Santos LUSO-AMERICANO

Para os emigrantes europeus, trocar Nova Iorque pelo porto de Filadélfia eram mais 200 milhas de mar e rio, mas foi para a foz do Delaware que apontou o navio de carga português "Cabo Verde" em 24 de Abril de 1945.

Na costa leste, a chegada de imigrantes era feita, sobretudo, por Nova Iorque, mas, ainda assim, entre 1815 e 1985 o porto de Filadélfia foi a porta da terra americana para 1,3 milhão de imigrantes.

Navio misto, para além da carga que rendia divisas, o "Cabo Verde" trazia também a bordo um grupo de passageiros com vários destinos, um dos quais, Jack Sousa, tinha o pai à espera em Brooklyn, NY.

Os canhões ainda troavam nos campos de batalha europeus, e o pai não queria ver o filho entrar nas fileiras militares portuguesas que, embora sendo neutras no conflito, tinham sempre a si associadas riscos de atritos com alemães ou aliados.

"O meu pai residia em Brooklyn e a decisão de eu abandonar o país deve-se a que eu estava prestes a fazer 18 anos e se ficasse mais tempo em Portugal já não sairia sem fazer a vida militar. A decisão de emigrar foi tomada nos fins de 1943 mas só aqui cheguei em Abril de 1945."

Mas também não eram só os riscos da vida militar.

"Não, quando emigrei, a guerra ainda estava bem 'quente'. A situação económica de Portugal era fraca e a situação política pior" - disse Jack Sousa, evocando

viagem deitada no camarote e sustentada a 'sopas de cavalo cansado'. A Maria Papoila ia a caminho de Fall River e ia satisfeita da vida; nós, os rapazes, tomávamos conta do garoto da senhora, jogávamos à bola e à noite comíamos pão quente com manteiga. Um ia para Mineola, outro (o Carlos Romão) para Newark onde ainda reside e eu para Brooklyn".

### 3 dias ao largo

Antes de pisar terra, contudo, o grupo teve rapidamente oportunidade de sentir a vontade pouco acomodatória do país em que iam entrar.

"Embora tivesse chegado à America em 24 de Abril de 1945, só nos foi possível desembarcar no dia 27 de Abril" - lembra Jack Sousa explicando um dos primeiros episódios de choque vividos ao largo da terra americana.

"O Presidente Franklyn D. Roosevelt tinha falecido

actuava, por exemplo, em Nova Iorque.

"A nossa chegada a Nova Iorque - recorda Jack Sousa - esperava-nos um grupo de freiras, representantes da 'The Travelers Aid Society' que, munidas de um papel com os nossos nomes, número da carruagem onde viajávamos e número de pessoas do grupo, andavam constantemente a caminhar na gare, a espreitar todas as carruagens, mas não encontravam ninguém porque nós já tínhamos saído. Ninguém nos tinha dito que as freiras estavam à nossa espera. Eu armei-me em chefe do grupo e todos me seguiram à procura dos nossos familiares, até que ouvimos alguém chamar pelos nossos nomes e então verificámos que as freiras estavam à nossa espera. Um passeio fluvial curto até ao Serviço de Imigração, onde nos fizeram algumas perguntas, e, depois, regresso à estação onde os nossos familiares nos esperavam. O resto, é outra história."

E o resto é muita história.

"O meu primeiro emprego foi a estiva em Brooklyn" - lembra Jack Sousa, embora naquele tempo sem os privilégios que hoje cobrem a profissão. "Depois, trabalhei na Procter e Gamble, mais conhecida pela fábrica do sabão. Depois, foi um rosário de vários empregos fabris, construção, escritórios, venda de pão, carpintaria, quase tudo nos anos 40's e 50's".

### Vida associativa

Depois dos princípios de todos os emigrantes em Brooklyn, acabaria por se tornar em Elizabeth um dos "históricos" da comunidade, onde foi estando associado praticamente a tudo o que foi surgindo dentro da comunidade portuguesa local, ao mesmo tempo que exercia a sua profissão na área da prestação de servi-



Jack Sousa tem estado ligado muito intimamente ao movimento associativo em Elizabeth

ços através da agência que levava o seu nome, e localizada na secção Elizabethport.

"O meu envolvimento comunitário tem sido bastante. Creio até que não me deveria envolver tanto, mas, envolvi-me, e agora é difícil abandonar" - confessa Jack Sousa.

"A vida comunitária foi sempre a minha máxima dedicação" - confessa. "Desde 1946, quando entrei para vogal do Clube Social Português, em Elizabeth, nunca mais parei. O Clube instrutivo Social Português, antigamente conhecido por "Social" e hoje não sei porque carga de água é conhecido por PISC, foi a minha primeira escola. Ensaiei o Grupo Cénico do Clu-

be Português de Elizabeth por 17 anos e ainda hoje muitos dos jovens que comigo trabalharam no palco se recordam dos bons tempos que passamos. Fiz parte de muitos corpos directivos e executei todos os cargos, desde vogal a presidente da Assembleia Geral. Trabalhei com gigantes como António Fonseca Vaz da Costa, Amadeu Correia, Abel Santiago, Manuel Damião e outros. Actualmente sou um dos sócios mais antigos e o mais antigo dos ex-presidentes."

Reconhece, contudo, um fraco por duas instituições:

"Fui presidente de várias

cont. pag. seg.



## HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO

**JACK SOUSA:**  
"O meu pai residia em Brooklyn e a decisão de eu abandonar Portugal deve-se a que eu estava prestes a fazer 18 anos e se ficasse mais tempo em Portugal já não sairia sem fazer a vida militar"...

algumas das rotinas dos cidadãos: "Existia o racionamento e o pouco que havia ainda era dividido pelos nossos vizinhos espanhóis que tinham saído de uma terrível guerra civil. A candonga era o que mais prosperava."

Natural de Ovar, Jack Sousa não rumou ao Brasil como o fizeram milhares de vareiros.

"O Brasil era o destino das gentes vareiras, mas isso só até que descobriram o 'Caminho Marítimo para a America' " - disse com humor Jack Sousa.

Contando os dias que o afastavam da incorporação no exército português e também os que o separavam da costa americana, Jack Sousa empenhou a viagem.

"A nossa viagem levou 27 dias de Faro a Filadélfia. O nosso grupo era composto por três rapazes da minha idade, uma senhora acompanhada de um filho e uma moça casadoira a quem nós baptizamos de Maria Papoila" - disse Jack Sousa, recuando 61 anos atrás. "A senhora com o filho passou quase toda a

em 12 de Abril e o Presidente Truman tinha declarado luto nacional por 30 dias. Quando a 24 de Abril o 'Cabo Verde' parou para meter piloto da barra, este, para pilotar o barco português para a doca em Filadélfia, exigiu que a bandeira portuguesa flutuasse a meia haste em sinal de luto. O comandante do "Cabo Verde" respondeu que não, que Portugal era um país neutro e por isso a bandeira portuguesa flutuava no topo do mastro e a americana a meia haste. O piloto teimava que devia ser ao contrário e nós estivemos ali parados três dias até que as relações diplomáticas resolvessem o assunto. Finalmente, no dia 27 de Abril, pelas 2 horas da tarde, o "Cabo Verde" atracava na doca em Filadélfia, onde o Departamento de Imigração verificou a nossa documentação e nos 'despachou' imediatamente de comboio para New York."

### O primeiro emprego

Talvez porque os tempos eram difíceis e o movimento de povos notório, surgiram dispositivos de auxílio aos imigrantes e entre eles a "The Travelers Aid Society", que

# Jack Sousa tem estado associado a inúmeras iniciativas surgidas entre a comunidade portuguesa de Elizabeth



Nos anos 40, o então jovem Jack Sousa, de pé, com (esq/dir) José Dominges e (sentado) Abel Santiago, durante uma edição do Piquenique do Dia Português em NJ, realizado nos anos 40 em Rahway

guesa local brilhou quando o Mayor Thomas G. Dunn assumiu a presidência da cidade' - disse Jack Sousa. "Abriu as portas aos portugueses, que eram alcunhados de 'o leão adormecido'; fez várias nomeações para diversos cargos políticos, entre os quais recordamos Delano Martins, Joseph Cortiço, Almadir Correia, Donald Gonçalves, Lee Mateiro, Plínio Pimpão, eu próprio, e outros. Foi um dos grandes aliados, removendo muitos obstáculos quando da compra da primeira igreja portuguesa. Foi Mayor por 28 anos e mereceu do Governo de Portugal a Comenda do Infante Dom Henrique."

"A marca portuguesa desaparece se nós não deixarmos aos nossos herdeiros aquilo que nós herdamos" - lembra. "Existem muitos clubes étnicos que usam a língua inglesa mas continuam com as suas tradições. Eu conheço alguns. Nós, os 'velhos', temos por obrigação de legar aos jovens as nossas tradições e costumes, mas temos que ter líderes que o saibam fazer, por portuguesismo e

bairrismo e não por vaidade."

É a mensagem de um emigrante que na tarde de 27 de Abril de 1945 tocou terra americana, mas sem conseguir cortar as amarras que sempre o ligaram à outra costa do Atlântico.

Durante muitos anos, Jack Sousa teve na agência de viagens e seguros que levava o seu nome, em Elizabeth, o seu local de trabalho



cont. pag. ant.

organizações, fundei algumas, dirigente de algumas outras, mas, a Associação Filantrópica Ovarense e a Paróquia Portuguesa de Elizabeth são as que me merecem mais carinho" - não esconde Jack Sousa.

"A Associação Filantrópica Ovarense mereceu-me a melhor atenção, desde o dia em que reuni um grupo de pessoas amigas e a fundámos. Foi seu primeiro presidente Manuel Martins, vice presidente Anastácio Almeida, tesoureiro António Graça e secretário Jack Sousa. Ocupi a sua presidência por alguns anos e a Filantrópica Ovarense teve os seus anos de glória com os seus famosos Bailes Carnavalescos, graças à boa coordenação de Armando Andrade, Bernardino Silva, Alvaro e José Cruz e outros tantos vareiros".

O outro centro de dedicação comunitária é a igreja portuguesa:

"Em 1973, a paróquia Portuguesa foi fundada e a comunidade aceitou os esforços da Comissão que, por cerca de dois anos, trabalhou para que a comunidade portuguesa de Elizabeth tivesse a sua Paróquia e a sua igreja. Foram momentos que jamais esquecerei. Com muito ou com pouco, conforme as suas posses, a comunidade disse presente. E a igreja comprou-se e as obras fizeram-se. Ao fim de quatro anos, foi queimada a hipoteca. 10 anos depois, aquela igreja branquinha, que foi o nosso berço, tornou-se pequena para a sempre crescente comunidade. E os Conselhos Paroquiais das paróquias de Nossa Senhora de Fátima e Sacred Heart, depois de alguns meses de negociações, uniram-se num só e o histórico imóvel na Spring Street de Elizabeth passou a ser mais um marco português".

## Salvar o legado

Nestes seus contactos próximos com associações e

pessoas tirou algumas conclusões. Reconhece que às vezes há faltas de compreensão nas pessoas, outras vezes até despeito, mas prefere falar de uma virtude.

"A maior virtude da comunidade é que, quando toca a rebate para auxiliar uma causa, a ajuda nunca é negada" - diz Jack Sousa que guarda neste campo uma colecção de casos.

Também o preocupa o



Jack Sousa, em Ovar, nos anos 80, com o então presidente da República Ramalho Eanes, altura em que recebeu a Medalha de Mérito da Câmara de Ovar

legado da geração a que pertence e que foi, praticamente, a geração criadora de quase todo o património que as comunidades portuguesas hoje dispõem. Vê com alguma apreensão a inactividade de organizações que surgiram para desempenhar o importante papel de mobilização política.

"O Portuguese American Citizens Club (PACC), activo por muitos anos na vida política da cidade, agora já ninguém se lembra dele" - lamenta Jack Sousa. "Quando era dirigido pelos 'velhotes' tinha vida e saúde; quando passaram o testemunho, ficou moribundo".

Os anos de maior actividade do PACC ocorreram durante a administração do mayor Dunn e com boa exposição para a comunidade portuguesa.

"A Comunidade portu-



Jack Sousa (segundo a contar da direita) na inauguração do salão da Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Elizabeth. Ao centro, o mayor Dunn, Artur Aleixo e Mons. Antão.



A Comissão do Dia de Portugal em Elizabeth (1993), de que Jack Sousa também fez parte